

## Editorial à moda antiga (talvez o último)

*Old-fashioned editorial (perhaps the last one)*

*Editorial a la antigua (quizás lo último)*

*Éditorial à l'ancienne (peut-être le dernier)*

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

DENISE MAURANO MELLO

Inserida no dinamismo da vida, nossa revista também é afetada pelas demandas outras que atravessam nossa equipe, o que por vezes nos distancia da regularidade esperada para os lançamentos de nossas edições. Assim, é com um certo atraso que enfim lançamos com muita alegria e com a mesma paixão de sempre este novo número de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA, que já completa seus 22 anos, digamos, sua maioridade no campo dos periódicos.

A chegada desta revista a mais de duas décadas de existência é motivo de uma celebração que também impõe desafios. A evolução sólida do reconhecimento e da credibilidade de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA trouxe a reboque um crescimento expressivo do número de submissões recebidas – fenômeno que muito nos honra, acima de tudo, mas que exige uma carga de trabalho maior do que viemos podendo dar conta. Desse modo, gostaríamos primeiramente de nos desculpar junto aos autores que nos entregaram seus preciosos trabalhos e ficaram esperando sua publicação, bem como agradecer-los pela confiança.

Para manter nobre o padrão de qualidade de nossa revista, informamos que medidas importantes já estão em curso e deverão ser implantadas no curto prazo: além do robustecimento do nosso corpo de pareceristas – providência necessária à celeridade da apreciação dos manuscritos – PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA passará a ter um

perfil no *Instagram*, de forma a modernizar e facilitar nossa comunicação com nossos leitores. Para tal, contaremos com a inclusão em nossa equipe de Rhyanne Louback e Camila Scarpati, que se ocuparão dessa área.

Comunicamos também à nossa comunidade de autores, leitores e colaboradores que uma importante mudança estrutural está em estudo preliminares: a adesão de PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA à modalidade de publicação em fluxo contínuo. Tal transformação, além de trazer agilidade ímpar à publicação de artigos, situaria PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA junto às melhores e mais modernas práticas de publicação científica internacionais. Atualizaremos a todos, assim que possível, sobre o andamento de tais processos – que por vezes podem demorar, seja porque dependem de avanços burocráticos intrincados, seja porque dependem de trabalho voluntário, já que nosso periódico não cobra taxas de seus autores e segue comprometido com um campo editorial público e gratuito.

Nem só de boas notícias vivemos. Dentre as modernizações que se impõem, uma delas talvez não seja assim por nós tão desejada. Recentemente as revistas científicas têm abdicado de usar o espaço do artigo editorial para apresentar a edição a seus leitores – como convencionalmente se fazia – para substituí-lo por um texto que se dedique a um dos temas pertinentes ao escopo editorial da revista e que expresse o posicionamento dela. Confessamos que nos apraz oferecer aos nossos leitores uma visão panorâmica do que aqui encontrarão, mas também sabemos que algumas tendências são incontornáveis, assim que talvez este aqui seja o nosso último “editorial à moda antiga”.

Então, vamos ao que interessa! Nosso novo número selecionou excelentes textos para sua apreciação (seu deleite). Para começar, o texto de Alexandre Patrício de Almeida, “*Reflexões psicanalíticas sobre a separação amorosa: contribuições de Melanie Klein e Winnicott*” reflete sobre a dor imposta pela separação amorosa, a partir da teorização desses dois importantes analistas da Escola Inglesa. Como eixos que lhe permitem melhor circunscrever o sofrimento que comparece nessas situações, e que é posto em evidência através de uma vinheta clínica, o autor recolhe, da teorização desses psicanalistas, o conceito de “posição depressiva”, cunhado pela primeira (1935) e a ênfase concedida pelo segundo à “capacidade de estar só” (1958). Esse primeiro artigo deixa patente o lugar do saber teórico no trabalho analítico. A teoria sustenta o analista face ao real da clínica; é ela, junto com a experiência advinda da análise pessoal e do acompanhamento de outros casos clínicos, que confere ao analista as condições éticas

para que seja realizada a elaboração/simbolização imprescindíveis ao trabalho de luto e ao atravessamento da imensa angústia que emerge no eclodir da dor advinda de uma separação.

Explorando a interface literatura e psicanálise Sylvia Maria Trussen faz uma homenagem à memória do reputado diretor e roteirista, o cineasta Carlos Saura, tomando sua obra *Cria cuervos*, para pensar intrincadas questões relativas à fantasia e a pulsão de morte, no contexto tanto da queda do franquismo na Espanha, quanto de seu lançamento no Brasil ainda na época da ditadura militar aqui. Assim, o artigo “*Fantasia em tempos sombrios: uma leitura do filme Cria Cuervos de Carlos Saura*”, de caráter fortemente autoral, nos remete a esses tempos que jamais podem ser esquecidos, para que não corramos o risco de que retornem. Também uma interessante vertente explorada no artigo é a contemporaneidade entre a invenção do método psicanalítico e a linguagem cinematográfica, apontando o que nessa linguagem convoca o sujeito, fazendo um liame entre a cena onírica, a cena fantasmática e aquela projetada na sala de cinema. Vale conferir as ricas elaborações da autora.

Ainda nessa linha de articulação entre literatura e psicanálise, Priscila dos Santos Pereira Cardoso e Breno Ferreira Pena, se valem da obra *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector para trabalhar o fenômeno do infamiliar a partir de Freud e Lacan pela via do discurso narrativo na escrita literária da autora. Os autores buscam “escutar” na narrativa de G.H. aquilo que anuncia a experiência do infamiliar tal qual ela é discutida na psicanálise. Nessa perspectiva o infamiliar, por mais que suscite estranheza e angústia, traz a confrontação com o que há de mais íntimo para o sujeito, trazendo tanto o retorno do recaiado, quanto o seu mais além, no qual comparece o encontro com o Real, e com o impossível em jogo, promovendo a emergência da angústia, que na experiência de G.H., se agudiza no encontro com a barata que a remete ao mais primitivo de sua origem e a vertigem implicada nessa experiência.

Sofrimento, liberdade e invenção são os significantes que são conjugados na experiência de pesquisa realizada em um CAPS infanto-juvenil da cidade de São Paulo, no qual a escuta do relato de sonhos funcionou como operador revelador não só da posição subjetiva de cada participante, mas também da promoção uma tessitura coletiva entre eles. Essa experiência articulada no artigo “*Entre sonhos e diagnóstico: uma aposta na escuta*” de Mariana Desenzi Silva e outros, defende a sustentação de uma clínica na direção da escuta, privilegiando o sujeito do inconsciente e apontando a presença e a

importância da psicanálise na Luta Antimanicomial, e suas contribuições para as Políticas Públicas. Eles apontam o quanto o discurso médico, com seus diagnósticos, tem funcionado com fator que obstaculiza a escuta do sujeito. Essa proposta de extensão da psicanálise para além do espaço tradicionalmente delimitado como *setting* clínico, revela o quanto a potência da ética da psicanálise amplia suas possibilidades de intervenção.

Já o artigo “*Além do comer: uma contribuição psicanalítica à nutrição*”, da autoria de Luiza Raffide Novaes Zylbersztein, nutricionista atravessada pela psicanálise e Pedro Cattapan, psicanalista e pesquisador (UFF e UERJ) surge como efeito de uma rigorosa pesquisa que se propôs a pensar as alterações sofridas pelos corpos, dito disfuncionais, ultrapassando protocolos, estatísticas e os saberes que se calcam apenas no que está inscrito no comportamento ou na genética. Ao se debruçar sobre o corpo e suas alterações, destacando o “corpo gordo”, os autores trabalham-no a partir de uma perspectiva que leva em conta o sujeito dividido, clivado pelo pulsional e marcado por uma falta constitutiva. Tal giro, em relação às perspectivas tradicionalmente adotadas no tratamento da temática, inscreve-o em um solo de investigação que rompe com o paradigma biologizante e, de certa forma, utilitarista, presente na maior parte dos estudos que se debruçam sobre a chamada Ciência da Nutrição, acentuando o quanto pode ser interessante e inovadora uma perspectiva que leve em conta o sujeito e sua singularidade.

Outro artigo que se debruça sobre questões sociais importantes, apontando também sintomas contemporâneos é o de Camila de Sá Lima e Jamile Luz Moraes Monteiro que discute “*O uso abusivo de drogas como signo da sociedade de consumo*”. As autoras apontam o lugar que a droga foi assumindo ao longo da história, marcando a presença que ela obteve com o desenvolvimento do capitalismo, transformando o sujeito consumidor, em sujeito consumido. Nessa perspectiva algo escapa à lógica fálica impondo o gozo do Outro. Nessa dinâmica o sujeito fica submetido, anulado por um imperativo de gozo que o aniquila como sujeito desejante. Muito diferente da droga comparecer como objeto de desejo, ela se impõe como objeto de gozo. O que, em termos sociais, para além de promover uma alienação subjetiva, promove uma alienação sócio-histórica e cultural que vem afetando nossa sociedade já tão vulnerável pelo mal-estar constituído por nosso processo civilizatório.

A seguir, o artigo “*Psicanálise e supervisão clínico institucional de ambulatórios ampliados de saúde mental no SUS*”, escrito a cinco mãos por Camila Donnola, Juliana Castro Arantes, Julio Nicodemos, Ana Paula Brito Guedes e Mariana Sloboda, apresenta

a construção da rede de ambulatorios ampliados de saúde mental na cidade de Niterói (RJ), como parte da Rede de Atenção Psicossocial daquele município fluminense. Sustentando a supervisão clínico-institucional como um dispositivo fundamental à constituição de uma rede integrada de saúde mental, discute, a partir do referencial psicanalítico, o lugar desse dispositivo nesses ambulatorios ampliados como um elemento essencial à constituição de uma rede integrada de saúde mental. Trata-se de um artigo de grande importância pois atende à exigência, cada vez mais premente, de jogarmos luz sobre a seriedade e o rigor do trabalho em saúde mental desenvolvido nas clínicas públicas brasileiras após a Reforma Psiquiátrica.

A mesma dimensão sociopolítica é encontrada no artigo que vem a seguir, a saber: *“Trauma, violência de Estado, colonialidade: elementos para uma clínica-política orientada pela psicanálise no contemporâneo”*, uma produção coletiva da autoria de Renata Theophilo da Costa-Moura, Amanda Abigail Garcia de Mendonça, Dolores Carolina Menezes da Motta, Fabrício Martins Pinto e Paula Pereira. Os autores apresentam, a partir do referencial psicanalítico, uma discussão teórico-clínica sobre as implicações produzidas pela violência de Estado, fruto de uma pesquisa realizada no Núcleo de Psicanálise e Política da Universidade Federal Fluminense, a partir da escuta de pessoas atingidas por violações de direitos elementares causados por agentes de Estado. Em seus próprios termos: “nosso objetivo tem sido o de fazer convergir nossos esforços e trabalho qualitativo para uma produção com valor de diretriz para produzir uma política de reparação psíquica, ou seja, de atenção em saúde mental, no Sistema Único de Saúde brasileiro, voltada especificamente para as pessoas afetadas por violações de direitos fundamentais”. O artigo sensibiliza, fazendo-nos refletir sobre a intervenção clínico-política estabelecida, afetando-nos pelos impasses e desafios de uma prática que, calcada na ética da Psicanálise, se mostra paradigmática da ação da psicanálise na polis.

Fechando a seção dedicada aos artigos, encontramos *“Repetição e diferença na pulsão invocante: escutando Billie Holiday”*, de Pedro de Souza, um artigo autoral por excelência. Deixando-se conduzir pela belíssima voz de Billie Holiday, o autor se propõe a pontuar os índices da pulsão invocante que se manifestam na voz dessa famosa cantora, implicando-a como sujeito no ato de cantar. Valorizando acusticamente a intensidade, o alongamento, a pausa, enquanto fatos de realização vocal presentes em todo ato de enunciação, o autor propõe que na enunciação cantada haveria um falar cuja musicalidade seria o traço do significante habitando a palavra. Escrito por quem se apresenta como um

analista em formação “inicial”, trata-se do escrito de alguém que evidencia mais bagagem teórica do que anuncia e, certamente, muito versado na arte da escuta. Um autor que encontra na música, na voz, na pulsão invocante e em seus efeitos de repetição e diferença, condições de acesso a ser guiado e ensinado, não apenas pela teoria, mas sobretudo por seu inconsciente.

Logo a seguir, o ensaio, da autoria de Danielle Lima Taulois, “*O capitalismo sabe o custo de vida? Reflexões sobre o capitalismo e o sujeito imigrante no livro A hora da Estrela, de Clarice Lispector, e no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*”, traz para a boca da cena os muitos Severinos e Macabéas, dilacerados pelos efeitos deletérios do discurso capitalista. O ensaio faz-nos pensar nas questões que envolvem os retirantes, conferindo especial destaque ao exílio e à conseqüente segregação. Partindo da literatura, femininamente, a autora faz avançar a frutífera conexão entre psicanálise e questões sociopolíticas, a partir da (pó)ética da psicanálise, que, tal como a literatura, tem na palavra a principal ferramenta para lavrar um território, na aposta de torná-lo mais fértil.

Na esteira de tão potentes trabalhos, como um resplandecente “Fiat lux”, a resenha de Denise Maurano, nossa co-editora. Intitulada “*A luz de Didier Weill*”, a resenha nos apresenta a obra “Lila e a luz de Vermeer”, do consagrado autor, que nos é tão caro, Alain Didier-Weill. O livro resenhado, em vias de ser publicado pela Editora 7 Letras, inaugura uma série de questões, introduzidas pelo sensível psicanalista, a partir da escuta de uma cantora de ópera, sobre o que nomeia como o “sublime feminino”. Nele, como salientado na resenha de Denise, Didier-Weill propõe haver nos artistas uma conexão poética com o real primordial, um real cuja natureza é sincrônica e vibratória. Um real que nos toca, abrindo-nos para uma conexão possibilitada pelo atravessamento de um luto primordial. Luto que nos faz não mais recalcar o pulsional, mas a bendizê-lo através da palavra e da criação.

A seguir, a seção de Teses e Dissertações, apresenta dois trabalhos, o primeiro, “*Além do comer: um olhar psicanalítico sobre algumas questões nutricionais*”, dissertação escrita por Luiza Raffide Novaes Zyllbersztein, sob a orientação de Pedro Cattapan, e apresentada ao Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas, UERJ, em 2024, e que deu origem a um dos artigos publicados neste número. Pesquisa cujos achados interrogam não apenas a formação que vem sendo oferecida aos profissionais de nutrição - de caráter mais utilitarista e que atende às exigências de gozo

do discurso capitalista; mas que lança questões ao campo da saúde, de forma geral. O trabalho desperta os que se debruçam sobre o sofrimento humano para um mais além do viés de uma perspectiva, que no afã de objetividade, torna-se uma prática alienada e alienante, preconceituosa e colonizadora, abrindo caminhos para novas experiências que venham a contribuir para a promoção de uma clínica que inclua o sujeito e sua diferença.

E, por fim, a tese de Macla Ribeiro Nunes, *“Insistuição: reinventar a psicanálise”*, defendida em 2024 no Programa de Pós-graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação de Marco Antonio Coutinho Jorge. A tese de doutoramento que, apesar do pouco tempo em que foi defendida, já deu origem ao livro, *“Como se institui a psicanálise? transmissão, insistuição, reinvenção”*, foi publicada, ao final de 2024, pela editora Contra Capa, na Coleção Janus. Uma verdadeira joia! Nela a autora sustenta, a partir da história das instituições psicanalíticas, o quanto à comunidade analítica não está livre de um certo retorno do mesmo: o retorno compulsivo à regulamentação e ao dogmatismo, em uma certa compulsão à repetição. Nesse percurso histórico e arqueológico, Macla encontra no trabalho do escritor, dramaturgo e psicanalista francês Alain Didier-Weill, discípulo de Lacan, que tem um de seus trabalhos resenhado neste número, algo da ordem tiquê que lhe possibilita a ruptura com o aparente sem saída do automaton. Macla destaca o quanto Didier-Weill, pela colocação em ato da insistuição promove, uma retomada dos percursos freudiano e lacaniano, que por não negar o real, está aberta a permanente reinvenção e a recriação, até mesmo no complexo campo das soldaduras institucionais. Insistuição é o neologismo, cunhado por Alain Didier-Weill, que nos inocula e às nossas instituições com a insistência do desejo... Insistuição é o que nos permite perseverar “apesar de...”.

Assim abrimos a edição deste número, convidando-os a se deleitar com a riqueza, a poesia e a verdade que escorre nas linhas e entrelinhas desses escritos.